



CHARGE DA SEMANA



André Pomponet

Teatro eleitoral volta a cartaz em 2018

André Pomponet - 03 de janeiro de 2018 | 11h 14

Neste ano de 2018 o brasileiro – sobretudo aquele das periferias e dos bolsões de pobreza das grandes cidades e os que residem nos grotões interioranos – vai enfrentar assédio intenso. É que se aproximam as eleições e, com elas, os tradicionais apertos de mão, os abraços com fingida intimidade e o cumprimento rumoroso dos candidatos mais afoitos. A gincana eleitoral – bancada com recursos públicos – não vai sair barata: R\$ 1,7 bilhão serão torrados em santinhos, bandeiras, plotagens, alugueis, combustíveis, refeições e em gratificações para os intrépidos cabos eleitorais.

Enfiados em suas camisas de grife, os candidatos desfilarão nas carrocerias de vistosas caminhonetes pelos bairros populosos e miseráveis que só são lembrados quando se sai à cata de votos. Não faltarão locutores frenéticos, exaltando as virtudes do candidato que exhibirá sorrisos amplos e gestos firmes, confiantes, quase marciais, para a patuleia espalhada pelas calçadas estreitas.

Esses desfiles costumam ser encorpados por extensas fileiras de automóveis de correligionários políticos: são as populares carreatas, que substituíram os comícios em palanques. Esses perderam apelo popular quando os shows musicais foram proibidos. Para os candidatos é mais cômodo, porque evita os desagradáveis contatos com a gente malvestida e, às vezes, malcheirosa, que costuma despertar asco nem sempre disfarçável.

As paradas são calculadas, normalmente combinadas com os cabos eleitorais. É defronte à casa de um correligionário, é na rua que concentra populares mais entusiasmados com o candidato, é no botequim onde muitos se aglomeram. Nesses momentos, aliás, o eleitor faz figuração, porque o protagonismo é todo do candidato, com seu séquito de cabos eleitorais que empunham bandeiras, agitadas com entusiasmo.

Esse contingente de apoiadores – recrutado na própria periferia – é remunerado a trinta reais o dia; aqui ou ali, tem direito a um lanche; e cumpre jornada ciclópica, sustentando a animação mesmo quando o candidato apenas encarna a mesmice; ou é um esnoque que cumprimenta o eleitor com a ponta dos dedos e o abraça de lado, para evitar contato mais próximo.

Rasteira na democracia

A rotina da campanha é antiga e muda pouco, ao sabor de ajustes eventuais do Legislativo ou de intervenções da Justiça Eleitoral. O que vem mudando, mesmo, é o comportamento do eleitor. Esse anda mais arredio, menos envolvido com o oba-oba comum do período. Nas últimas eleições, vem crescendo a abstenção, o voto nulo e

COLUNISTAS



César Oliveira

BODEGA DO LEEGOZA - 1 SEM SAIR DE CIMA

O milagre da reabertura nascente na Lagoa do S



André Pomponet

Após três anos, saldo é positivo em Feira

Flu de Feira precisa de inédita contra Santa C

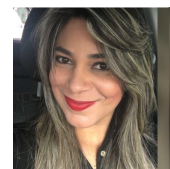


Valdomiro Silva

Grandes clubes já não esmagar os menores, n campeonatos estaduais

Futebol baiano não pode de 2017, mas deve sonh

alto ano que vem



Emanuela Sampaio

Dr Getúlio Barbosa com idade nova

Café das 6 ganha nova

AS MAIS LIDAS HOJE



Datafolha: Inelegibilidade de Lula dividida 51% são a favor e 47% contra

em branco. Ano retrasado, quando prefeitos e vereadores foram eleitos, visivelmente foi assim.

A rasteira aplicada no petismo em 2016 – quando Dilma Rousseff (PT) acabou defenestrada num controverso *impeachment* – certamente contribuiu para o desencanto do eleitor. Afinal, de que adiante votar se pode surgir aí um Eduardo Cunha e seu “Centrão” para desfazer os resultados das urnas? Mas o desânimo é anterior e não se deve apenas ao episódio do *impeachment*. É fato que o cidadão se sente pouco representado por quem ele elege.

A própria dinâmica eleitoral reforça o sentimento: quem vence, só reaparece quatro anos depois, para renovar o furdunço e – quem sabe? – seguir no poder. Quem perde se ajusta a essa lógica mesmo que, eventualmente, reclame do abuso do poder econômico, corriqueiro num País onde se compra votos e remunera-se regamente eventuais apoiadores. É impossível mobilizar o eleitor, engajá-lo politicamente.

O engajamento, inclusive, é algo visto com pouca simpatia pelos eleitos: afinal, participação implica em vigilância e em compartilhamento do poder, o que é inaceitável para as velhas raposas políticas brasileiras, enfileiradas à direita e à esquerda. Tudo isso vem desgastando o processo eleitoral e a própria democracia, já que hoje não faltam entusiastas das quarteladas, dos golpes, das soluções autoritárias.

Assim, de mazela em mazela, a democracia brasileira claudica. É claro que o fenômeno, em linhas gerais, é global, transcende as fronteiras do País, observa-se em inúmeros outros países. Mas é necessária atenção: o fastio, o desencanto e a indiferença pela democracia costumam estar na antessala dos regimes de força. Mesmo que, em outubro, tenhamos aí todo o teatro eleitoral no qual se enxerga pujança e compromisso do cidadão.

2 Após três anos, saldo de empregos é p
Feira

3 Organizações pedem adesão brasileira
defesa dos direitos das crianças

4 Adolescente e filha de 4 anos são enve
Feira: ex-companheiro da garota é susp
crime

5 Mais de 50 macacos são achados mort
Salvador em janeiro: instituto apura su:
febre amarela



LEIA TAMBÉM

André Pomponet

Após três anos, saldo de empregos é
positivo em Feira

Flu de Feira precisa de vitória inédita
contra Santa Cruz

A influência da biometria sobre as
eleições em Feira

[INÍCIO](#) [O TRIBUNA](#) [ANUNCIE AQUI](#) [EDIÇÃO IMPRESSA](#) [VOCÊ NO TRIBUNA](#) [FALE CONOSCO](#)

redacao@tribunafeirense.com.br

75 3225 7500
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
[@tribunafeirense](#)

Tribuna Feirense © 2018. Todos os direitos reservados

